

Ecos e espelhos: trauma e desamparo na virtualidade

Andressa Martins Belisario^[1]

RESUMO: Este trabalho propõe uma reflexão sobre algumas possibilidades do efeito da imagem na constituição do self em tempos de virtualidade, a partir de duas vinhetas clínicas apresentadas sob a forma de crônica. As vivências de Eduardo, que evita o próprio reflexo na tela, e de Pedro, filmado sem consentimento durante uma relação sexual, interrogam os limites entre visibilidade, apagamento e existência psíquica. Tendo o mito de Eco como fio condutor, e à luz dos aportes teóricos de Freud, Winnicott e Roussillon, discute-se como as experiências diante da própria imagem providas pelo mundo digital, incluindo o atendimento on-line, podem revelar a ausência de um continente simbólico capaz de metabolizar a vivência, intensificando clivagens e reinscrevendo traumas, fazendo da tela um lugar de desamparo.

PALAVRAS-CHAVE: imagem, trauma, desamparo, virtualidade, crônica

1. Psicóloga e psicanalista. Mestra em psicologia clínica.

À luz de psicanalistas como Freud, Winnicott e Roussillon, discuto neste artigo os efeitos traumáticos mediados pelas tecnologias de exposição, investigando como a ausência de um continente psíquico capaz de metabolizar a experiência pode intensificar clivagens e reinscrever traumas, tornando a tela um lugar de desamparo.

Convém lembrar que o atendimento remoto assume diferentes configurações e não se restringe ao encontro síncrono entre duas imagens. Há sessões realizadas apenas por voz, outras em que o analisando permanece deitado, sendo visto pelo analista semvê-lo, situação que se aproxima do enquadre tradicional do divã. O atendimento on-line face a face por vídeo é, portanto, apenas uma entre várias possibilidades, e é essa modalidade, escolhida aqui por tornar a imagem particularmente central e implicada na dinâmica do encontro, que servirá como eixo de reflexão neste texto.

Apresento duas vinhetas clínicas por meio de crônicas, com o intuito de refletir sobre os efeitos subjetivos da imagem na constituição do self em tempos de virtualidade. Como observo em outro trabalho (Belisario, 2022), narrar o historial clínico em formato de crônica não é apenas um recurso estilístico, mas uma estratégia de transmissão que busca preservar a intensidade do vivido, o ritmo da escuta e os movimentos inconscientes que se entrelaçam no processo analítico. A crônica, gênero híbrido que transita entre o literário, o memorialístico e o ensaístico, permite uma escrita que se aproxima da experiência clínica: fragmentada, sensível, tecida de silêncios e lampojos de silêncio. Longe de restringir-se à tradição jornalística, ela acolhe o instante e o transforma em reflexão, fazendo da brevidade um espaço de elaboração. Em vez de apresentar o caso como algo fechado e exemplificativo, a narrativa abre espaço para que o leitor escute com os próprios afetos, reconheça-se nas frestas da análise e implique-se com os dilemas que ela suscita. A crônica é, assim, um território de passagem, onde o jornalista se torna místico, o médico se faz filósofo, o contador de casos se revela historiador, e o psicanalista ousa ir além.

A clínica exige palavras que não expliquem demais, mas que sustentem o não saber. É nesse ponto que a crônica se mostra potente: breve, mas não superficial; acessível, mas não banal; aberta, mas não dispersa. Permite acompanhar o movimento do par analítico, oferecendo pistas sobre as construções em análise, os impasses da escuta e os efeitos do encontro. Mais do que um simples relato de caso, trata-se de um convite à presença, um gesto de partilha, ainda que sempre parcial, das trocas analíticas.

As duas crônicas aqui reunidas narram experiências clínicas atravessadas pela violência da imagem. Foram omitidos e trocados dados que poderiam permitir a identificação dos analisandos.

A escuta de Eduardo e Pedro propõe um percurso que interroga os limites entre visibilidade, apagamento e existência psíquica. Eduardo não consegue reconhecer o próprio reflexo na tela, Pedro é filmado sem consentimento durante uma relação sexual. Em ambos os casos, a imagem é vivida como violência, como algo que ameaça o sentimento de ser. Quando não encontra um outro capaz de sustentá-la,

a imagem se torna fenda e ferida. São experiências que evidenciam o fracasso do espelhamento simbólico. O reflexo, ao invés de integrar, fragmenta; a imagem, ao invés de refletir, captura.

A escolha do mito de Eco como fio condutor decorre de sua potência simbólica para pensar experiências clínicas contemporâneas de silenciamento, apagamento da identidade e sofrimentos narcísico-identitários. Ao contrário de Narciso, cuja imagem é plena e enfeitiçante, Eco não possui reflexo nem voz autêntica, existe apenas em função do outro, incapaz de sustentar uma imagem de si e de encontrar lugar simbólico para sua dor. Essa figura mítica representa sujeitos que vivem à sombra do olhar alheio, ou da ausência dele, condenados a repetir ou a desaparecer. Ser apenas voz sem corpo metaforiza a experiência de muitos que, diante da tela, não se reconhecem, não se integram, não se veem. Escolher Eco é dar linguagem ao indizível desses reflexos que não devolvem identidade, mas expõem a clivagem e o desamparo, iluminando a clínica contemporânea do trauma, na qual a imagem não cura, mas escancara.

É nesse terreno que se inscreve a primeira crônica, a história de Eduardo, o homem que não conseguia se olhar. Seu percurso clínico inaugura a reflexão sobre os efeitos subjetivos da exposição na virtualidade e da ruptura do laço simbólico com a própria imagem. Trata-se de um caso em que o espelho digital, longe de oferecer reconhecimento, acentua a clivagem e o desencontro com o reflexo, evidenciando como, na ausência de um outro que sustente o olhar, a imagem pode tornar-se insuportável.

O homem que não se olhava

Era uma tarde cinza no consultório. O café ainda esfriava ao meu lado enquanto a tela piscava, estabilizando a conexão. Do outro lado, Eduardo surgiu: um fundo neutro, iluminação baixa, um homem de ombros levemente curvados, como se quisesse ocupar o mínimo de espaço possível.

Ele evitava o próprio reflexo na tela. Movia-se inquieto, desviava o olhar para as laterais, como se procurasse uma saída invisível.

— Em que posso te ajudar, Eduardo?

A hesitação veio primeiro. Então, o murmúrio:

— Eu não consigo me olhar.

A frase ficou entre nós, suspensa no silêncio.

— Espelhos, vitrines, reflexos no vidro do carro... sempre desvio o rosto. Mas agora ficou pior. Aqui, nesse quadradinho da tela, sou forçado a me ver. E não gosto do que vejo.

Quantos de nós já experimentamos isso? A câmera, que deveria aproximar, por vezes escancara distâncias internas. Eduardo não era o único. No universo virtual, onde a imagem de si é refletida de forma incessante, onde cada gesto se torna visível, ele descobriu que estava se evitando havia anos.

— E quando foi a última vez que você realmente se olhou?

Ele demorou a responder.

— Não sei... talvez anos atrás. Acho que, em algum momento, parei de gostar do que via.

O silêncio que se seguiu era mais do que a ausência de som na chamada. Era a presença de algo maior: a dificuldade de se reconhecer. A virtualidade, que para tantos é um espelho constante, para Eduardo era um confronto insuportável. Ele minimizava sua imagem, apagava sua própria presença, tentando existir sem se ver.

No final de uma das sessões, algo se deslocou. Pela primeira vez, ele sustentou o próprio olhar na tela por alguns segundos. Depois desviou e disse, num misto de irritação e desconforto:

— Pare de me olhar!

— Estou te vendo — respondi.

Ele sorriu, baixou os olhos por um instante e perguntou:

— Nos vemos na semana que vem?

— Sim, Eduardo.

E ali, entre pixels e hesitações, entre a proximidade e a distância que a tela impõe, Eduardo deu um primeiro passo, que talvez, para ele, fosse imenso.

Eco e a virtualidade: quando o reflexo silencia a identidade

A crônica de Eduardo convida a pensar sobre o estatuto do reflexo na constituição do self, sobretudo em tempos de tela e conexões mediadas pela virtualidade. Na mitologia grega, Eco era uma ninfa que se apaixonou por Narciso, mas havia sido condenada a apenas repetir as palavras dos outros, sem nunca conseguir se expressar plenamente. Ela não possuía discurso próprio, tampouco imagem. Apaixonada mas ignorada por Narciso, Eco definhou; apenas repetia palavras alheias, o som sem corpo, o traço sem sujeito. Se Narciso se dissolvia na fascinação pelo próprio reflexo, Eco se dissolvia na ausência dele. Seu mito simboliza a perda da própria identidade e a existência fragmentada, vivendo sempre à sombra do outro. A mitologia, como lembra Freud (1907/1996), não descreve personalidades, mas dramatiza conflitos psíquicos universais, oferecendo modelos simbólicos para pensar as configurações da subjetividade. Nesse sentido, Eco representa o sujeito que não encontra espelho nem escuta, aquele que só existe como reverberação do olhar e da voz alheia.

Assim, Eduardo se aproxima mais de Eco do que de Narciso, pois não é o excesso de autoimagem que o devora, mas a impossibilidade de sustentar qualquer imagem de si. Ele não é apenas um homem que não se olha, é uma Eco moderna, silenciada pela imagem que a tecnologia impõe. Sua recusa da câmera não é mero constrangimento, mas sugere resistência psíquica a um reflexo que ameaça desintegrar. A virtualidade, que poderia ser campo de escuta, também pode se tornar lugar de violência psíquica, de exposição e de repetição traumática.

Na clínica, Eco é figura recorrente, aquela que se apresenta como eco da demanda do outro, como ruído que não encontrou escuta, como imagem que nunca

pôde se constituir. O analisando que não consegue se olhar é também aquele que nunca foi olhado de forma viva. Eduardo não recusa apenas a imagem, recusa o vazio que ela lhe devolve. A clínica contemporânea, especialmente em tempos de análise on-line, precisa acolher esse novo tipo de eco, aquele que não apenas repete palavras alheias, mas que, ao se ver na tela, enfrenta o terror de não se reconhecer. Talvez o simples gesto de Eduardo de sustentar o próprio olhar por um segundo seja uma possibilidade de reconexão com o ser.

Cabe ao analista, com uma escuta sensível às falhas de constituição, oferecer um outro tempo à imagem: um tempo em que o espelho não fira, mas acolha; não fragmente, mas sustente; um tempo em que o olhar do analista possa funcionar como superfície viva, capaz de devolver ao analisando algo que antes não pôde ter lugar. A noção de espelho materno formulada por Winnicott (1967/2022) é fundamental nesse contexto, pois o rosto da mãe não apenas reflete o bebê, mas dá forma aos seus estados emocionais, permitindo que ele se reconheça e inicie a construção de um self integrado; quando esse olhar se apresenta vazio, intrusivo ou indiferente, o espelho falha, e a constituição do self se fratura. Na clínica on-line, a função analítica não se limita a refletir, mas envolve acolher o eco que retorna da tela não como ruído, mas como índice do que faltou no percurso de constituição do self. Ao sustentar esse campo de reconhecimento, o analista favorece as condições para que algo do sujeito possa emergir, reorganizar-se e reencontrar a continuidade de ser.

Roussillon (1999) aprofunda essa perspectiva ao enfatizar que o outro significante não apenas devolve uma imagem, mas traduz a experiência psíquica do sujeito em marcas simbólicas que possam ser metabolizadas. Nesse processo, o espelhamento simbólico atua como uma dimensão integrante; não se trata de devolver a imagem bruta, mas de possibilitar que ela seja internalizada e integrada ao self. A ausência ou falha desse processo gera marcas de clivagem, impedindo que certas experiências encontrem representação, o que as faz permanecer como núcleos traumáticos que resistem à simbolização.

No caso de Eduardo, a tela virtual parece reproduzir o papel de um espelho materno falho – não sustenta, não acolhe e não devolve; limita-se a exibir. O que retorna da câmera não organiza, mas ameaça dissolver. A experiência evidencia a falência do espelhamento simbólico, a imagem virtual não se traduz em marcas psíquicas que possam ser integradas ao self, expondo o sujeito a um desamparo que fragmenta sua experiência interna. Na virtualidade, essa situação pode se intensificar, pois a tela impõe a presença constante da imagem sem necessariamente a mediação de um outro que a sustente. Eduardo, diante do espelho digital, ou não se vê ou se vê demais; em ambos os casos, o reflexo ameaça em vez de integrar. Seu gesto de apagar-se na tela revela uma tentativa de preservar a coesão interna frente à fragmentação.

É desse ponto que se aproxima a formulação de Roussillon (2012) sobre o *espelho negativo de si*, que é um reflexo que não integra, mas devolve ao sujeito a

parte clivada, não simbolizada e, portanto, insuportável. Diferentemente do lago de Narciso, em que a imagem seduz, aqui o reflexo desorganiza; o analisando faz o analista ver aquilo que ele mesmo não reconhece, mas cujos efeitos sente. A clínica, nesse contexto, é convocada a reconstruir um espelho possível – não o da tela, mas o da relação analítica, na qual a escuta sensível e a presença transferencial funcionam como continente da dor.

Esses sofrimentos podem ser compreendidos a partir da noção de *sofrimentos narcísico-identitários* proposta pelo psicanalista francês: não se trata da falta no ser, mas da própria falta de ser. São conteúdos não integrados, que escapam ao recalque e convocam defesas mais radicais, como a clivagem, entendida aqui não apenas como cisão psíquica, mas como estratégia de sobrevivência frente ao desamparo primordial. A virtualidade, ao expor uma imagem que o sujeito não consegue sustentar, reativa essa dimensão primária do desamparo, em que a dor carece de forma e de nome.

Winnicott (1963/1994) observa que a experiência se torna traumática quando o ambiente falha em responder às necessidades do bebê. Sem um objeto confiável, o psiquismo recorre a satisfações alucinatórias, à destrutividade ou ao autoerotismo como tentativas precárias de ligação; quando tais recursos fracassam, o sujeito mergulha em estados de *agonias impensáveis*. A recusa de Eduardo diante do espelho digital pode ser lida nesse registro. Não se trata apenas de vergonha ou insegurança, mas do reencontro com o desamparo primário, em que a própria imagem, desprovida de mediação, retorna como excesso, invasão ou ameaça.

A virtualidade pode, então, reencenar esse colapso. O sujeito não apenas não reconhece sua imagem, mas também sente o risco de dissolver-se nela. Como aponta Ferenczi (1933/1992), pacientes profundamente traumatizados tendem a repetir no presente a situação que causou a clivagem. A imagem virtual, nesse contexto, não é neutra – ela pode atualizar o trauma.

Mas e quando o reflexo, em vez de silenciar, é capturado, fixado por um olhar alheio que invade, filma e divulga? Quando a imagem deixa de ser ameaça interna e se torna violência externa? A próxima crônica nos leva a esse outro campo do traumático, não mais ao apagamento do self, mas à sua exposição sem consentimento.

Entre o olhar e o apagamento

Do outro lado da tela, Pedro apareceu com o rosto um pouco mais rígido que de costume. O fundo neutro e a iluminação suave contrastavam com a tensão evidente no seu semblante. Logo no início da sessão, ele falou direto, sem rodeios:

— Aconteceu uma coisa, e eu não sei muito bem o que fazer com isso.

Silêncio. Ele respirou fundo e continuou:

— Eu tava transando com um cara que conheci recentemente e, no meio do ato, percebi que ele tava filmando com o celular. Escondido... Eu vi o reflexo do movimento na janela!

Hesitou como se a memória o atingisse de novo no presente. Olhos baixos, voz tensa:

— Eu parei na hora. Peguei o celular da mão dele. Ele ficou nervoso, tentou disfarçar, disse que era costume, que não ia fazer nada com o vídeo. Mas eu... eu mandei ele apagar! Na minha frente!

A pausa se estendeu. O silêncio também falava, o corpo ainda preso na cena, a respiração curta e o olhar distante. Mais do que o acontecido, havia o espanto de ter sido arrancado de si: o corpo presente, a imagem capturada, a alma ausente.

— Eu fiquei me perguntando: e se eu não tivesse visto? E se ele tivesse guardado aquilo? Me deu uma vergonha, um nojo, um medo... que eu não sei de onde vêm. Ou sei, mas não consigo dizer.

O que fazer com a própria imagem quando ela nos é arrancada sem consentimento? Quando o olhar do outro não é desejo, mas invasão? Pedro não queria apenas apagar o vídeo. Ele queria apagar a sensação de ter sido reduzido a uma coisa. Mas, como sabemos, há coisas que nem o “delete” alcança.

Ali, entre o relato e o silêncio, entre o corpo e o olhar que o violou, emergia algo maior: o trauma de ser visto sem consentimento, de ser transformado em imagem sem ter sido, antes, reconhecido como sujeito.

Trauma virtual: a imagem que fere

Diante do aumento, na prática clínica, de pacientes vítimas e autores de atos violentos mediados pela internet, surgem novas configurações de sofrimento que envolvem a exposição, repetição e circulação de imagens traumáticas. A contemporaneidade introduz uma nova camada ao trauma: a virtualidade como palco e repositório de cenas insuportáveis. Quando experiências de abuso, violência ou humilhação são filmadas e compartilhadas, o trauma não apenas se atualiza, mas se multiplica.

A experiência de Pedro provoca a reflexão sobre o papel da imagem na constituição e na desintegração do sujeito. Quando a cena sexual é registrada sem consentimento, ela se transforma em uma captura não apenas do corpo, mas de um pedaço de si que escapa ao simbólico. A violência não está apenas no ato de filmar, mas na transformação do sujeito em objeto, operação que Green (1986/1988) descreveu como *desobjetualização*, marca da pulsão de morte.

Roussillon (1999) chama a atenção para a existência de sofrimentos que, por não terem sido suficientemente integrados à subjetividade, resistem ao recalque e exigem outras modalidades defensivas, em particular a clivagem. Nessa perspectiva, a clivagem não aparece apenas como um rótulo descritivo, mas como um mecanismo que separa traços experienciados de modos de representação incompatíveis, criando núcleos que permanecem isolados do fluxo simbólico. Essa formulação aproxima-se da noção freudiana de cisões entre cadeias representativas, nas quais conteúdos traumáticos se mantêm fora da rede associativa, reaparecendo através de formas repetitivas ou sintomáticas (Freud, 1920/2010). Assim, é possível compreender a

clivagem como uma estratégia psíquica de manutenção frente àquilo que não pôde ser introjetado, hipótese útil para pensar os fragmentos imagéticos que persistem na virtualidade.

Winnicott (1967/2022) propõe que, quando o espelhamento afetivo falha, o sujeito perde a possibilidade de reconhecer-se nas trocas com o outro e de sustentar sua própria vitalidade psíquica. A ausência dessa devolução empática compromete a simbolização e deixa o sujeito exposto a respostas defensivas como a retração, a submissão ou a parálisia diante do olhar alheio. Assim, quando a imagem não acolhe, mas devolve um reflexo frio ou fragmentado, pode reatualizar o desamparo primário, revelando uma falha no continente psíquico e a dificuldade de transformar a experiência em representação.

Na clínica contemporânea, multiplicam-se relatos de pacientes que revisitam incessantemente mensagens, vídeos e áudios associados a situações traumáticas. Freud, em “Recordar, repetir e elaborar” (1914/1996), mostra que, diante da impossibilidade de rememorar, o sujeito é levado a repetir, encenando o que não pôde ser integrado. Mais tarde, em “Além do princípio do prazer” (1920/2010), a repetição ganha estatuto metapsicológico e passa a ser compreendida como compulsão à repetição, manifestação de um retorno do traumático que escapa ao domínio da representação. O sujeito retorna à cena traumática não para obter prazer, mas porque algo insiste em ser representado e não consegue. Esse consumo compulsivo da própria dor pode ser lido como tentativa falha de domar o indizível, como se o sujeito dissesse: “se eu assistir mais uma vez, talvez consiga sentir algo que me salve”. A tela, nesse ponto, torna-se espaço intermediário falho, um *brinquedo falso* (Winnicott, 1953/2022) que não gera transicionalidade, mas aprisiona o sujeito na cena do sofrimento. Diferentemente do *objeto transicional*, a imagem digital, como apreendida neste artigo, já carrega uma carga real devastadora, impedindo a simbolização.

A compulsão à repetição adquire aqui uma dimensão técnica e imagética, em que o vídeo pode se tornar uma segunda cena, atualizando a dor originária. O caso de Pedro revela o trauma não simbolizado, no qual a excitação não encontra inscrição psíquica, deixando o sujeito prisioneiro de uma cena que retorna sem mediação. Mesmo após o apagamento do vídeo, o gesto, a sensação e a imagem persistem, a repetição compulsiva ganha outra chave: o sujeito revive a cena no mesmo movimento em que tenta expulsá-la. O reflexo, quando imposto, não contorna; rasga.

O vídeo compartilhado pode funcionar como invólucro daquilo que não pôde ser nomeado, reiterando a ferida psíquica na virtualidade. O trauma, nesse caso, não se limita ao fato original, que pode ter sido prazeroso, mas se prolonga no horror da exposição pública. A virtualidade amplifica esses dilemas. Ao ser filmado, compartilhado ou exposto em redes sociais, o trauma se converte em imagem viva, disponível, replicável, que pode ser assistida infinitamente.

Considerações finais

As vinhetas clínicas de Eduardo e Pedro, apresentadas sob a forma de crônica, testemunham experiências em que a imagem, mediada pela virtualidade, se converte em campo de sofrimento. Em ambas, o olhar perde sua função de reconhecimento e torna-se instrumento de fragmentação. O reflexo falha, o espelho fere, e o sujeito é devolvido a um estado de desamparo primário.

Essas experiências revelam o fracasso do espelhamento simbólico; quando não há mediação de um outro capaz de devolver reconhecimento, a imagem pode se transformar em trauma. O que não é simbolizado retorna como excesso, fragmento ou compulsão à repetição. O mito de Eco, revisitado aqui, mantém sua atualidade como metáfora clínica, pois representa o sujeito que habita a fronteira entre presença e apagamento, voz e silêncio, imagem e nada. Seu destino ressoa nos analisandos que, diante da tela, falam sem serem ouvidos, mostram-se sem serem vistos, ecoando em um espaço que responde apenas com reflexos, na tentativa infinda de serem reconhecidos por um olhar que devolva existência.

Se o espelho materno falhou, nas vinhetas apresentadas neste texto o espelho digital parece repetir esse vazio, com imagem sem continente e um olhar sem escuta. A virtualidade, ao multiplicar reflexos, não assegura reconhecimento; ao contrário, muitas vezes o intensifica em sua ausência. O espelho da câmera não é o da mãe, a imagem transmitida não traduz, não acolhe e não devolve subjetividade.

Nesse cenário, o analista é convocado a sustentar afetivamente aquilo que a imagem não contém. Em tempos marcados pela sobreposição entre visibilidade e apagamento, a psicanálise é chamada a recolher os fragmentos de subjetividade que se desfazem diante do espelho digital. Frente à violência de uma imagem que expõe em vez de acolher, que fragmenta em vez de simbolizar, a escuta analítica se torna lugar de hospitalidade para o indizível. Mais do que interpretar, trata-se de acompanhar; mais do que refletir, poder oferecer superfície para o informe. Nesse gesto, Eco pode, enfim, tornar-se voz.

Ecos y espejos: trauma y desamparo en la virtualidad

Resumen: Este trabajo propone una reflexión sobre algunas posibilidades del efecto de la imagen en la constitución del self en tiempos de virtualidad, a partir de dos viñetas clínicas presentadas en forma de crónica. Las experiencias de Eduardo, que evita su propio reflejo en la pantalla, y de Pedro, filmado sin su consentimiento durante una relación sexual, cuestionan los límites entre visibilidad, borrado y existencia psíquica. Tomando como hilo conductor el mito de Eco, y a la luz de los aportes teóricos de Freud, Winnicott y Roussillon, se discute cómo las experiencias ante la propia imagen que proporciona el mundo digital, incluida la atención online, pueden revelar la ausencia de un continente simbólico

capaz de metabolizar la experiencia, intensificando escisiones y reinscribiendo traumas, convirtiendo la pantalla en un lugar de desamparo.

Palabras clave: imagen, trauma, desamparo, virtualidad, crónica

Echoes and mirrors: trauma and helplessness in virtuality

Abstract: This paper offers a reflection on some possible effects of the image on the formation of the self in the age of virtuality, drawing on two clinical vignettes presented as chronicle-style narratives. The experiences of Eduardo, who avoids his own reflection on the screen, and of Pedro, who was recorded without consent during a sexual encounter, probe the boundary between visibility, erasure, and psychic existence. Taking the myth of Echo as a guiding thread, and in light of theoretical contributions by Freud, Winnicott, and Roussillon, the article discusses how confrontations with one's own image in the digital world—including online sessions—may reveal the absence of a symbolic container capable of metabolizing the experience, thus intensifying splittings and reinscribing trauma, turning the screen into a place of helplessness.

Keywords: image, trauma, helplessness, virtuality, chronicle

Referências

- Belisario, A. M. (2022). *Parricídio em psicanálise: estudo de caso* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP. <https://doi.org/10.11606/D.47.2022.tde-15022023-175546>
- Ferenczi, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In *Obras completas: psicanálise IV* (A. Cabral, Trad.; pp. 97-106). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (1996). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 9. Gradiva de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)* (J. Salomão, Trad.; pp. 19-87). Imago. (Trabalho original publicado em 1907)
- Freud, S. (1996). Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 12. O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)* (J. Salomão, Trad.; pp. 163-174). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In *Obras completas: Vol. 14. História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos")*, *Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (P. C. Souza, Trad.; pp. 161-239). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Green, A. (1988). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In C. Yorke, E. Rechardt, H. Segal, D. Widlöcher, P. Ikonen, J. Laplanche, & A. Green, *A pulsão de morte* (C. Berliner, Trad.; pp. 53-64). Escuta. (Trabalho original publicado em 1986)
- Roussillon, R. (1999). *Agonie, clivage et symbolisation*. PUF.
- Roussillon, R. (2012). O desamparo e as tentativas de solução para o traumatismo primário (V. Dresch, Trad.). *Revista de Psicanálise da SPBA*, 19(2), 271-295. <https://bit.ly/48a3x8k>

- Winnicott, D. W. (1994). O medo do colapso. In *Explorações psicanalíticas* (J. O. A. Abreu, Trad.; pp. 70-76). Artmed. (Trabalho original publicado em 1963)
- Winnicott, D. W. (2022). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In *O brincar e a realidade* (B. Longhi, Trad.; pp. 13-51). Ubu. (Trabalho original publicado em 1953)
- Winnicott, D. W. (2022). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In *O brincar e a realidade* (B. Longhi, Trad.; pp. 177-188). Ubu. (Trabalho original publicado em 1967)

Andressa Martins Belisario

Endereço: Rua João de Barros, 206. Embu das Artes/SP.
CEP: 06844-070
Tel.: (11) 96643-6946
E-mail: andressabelisario@gmail.com

Artigo recebido em 07/11/2025

Artigo aceito em 26/11/2025

Editora responsável pelo artigo: Sandra Nunes Caseiro